

The cover features a vertical photograph of a stone artifact, possibly a tool or part of a structure, with a rough, textured surface. A vertical dashed purple line runs down the left side of the image. At the top left, there are logos for 'NIA' and 'ERA ARQUEOLOGIA'.

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

10

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2015

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2015**

Volume: **10**

Capa: Falange decorada proveniente do Sepulcro 2 dos Perdigões

(Foto: António Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



ÍNDICE

EDITORIAL 05

António Carlos Valera
 “ÍDOLOS” FALANGE, CERVÍDEOS E EQUÍDEOS.
 DADOS E PROBLEMAS A PARTIR DOS PERDIGÕES 07

Beatriz Bastos
 POTENTIAL OF LIPID ANALYSIS ON PREHISTORIC
 PORTUGUESE POTTERY 21

António Carlos Valera, Rui Ramos e Patrícia Castanheira
 OS RECINTOS DE FOSSOS DE COELHEIRA 2
 (SANTA VITÓRIA, BEJA) 33

António Carlos Valera
 CIEMPOZUELOS BEAKER GEOMETRIC PATTERNS:
 A GLIMPSE INTO THEIR MEANING 47

Patrícia Castanheira
 MISERICÓRDIA II (BERINGEL, BEJA):
 ALGUMAS NOTAS PARA O ESTUDO DO BRONZE FINAL
 NAS TERRAS DE BARROS 53

José Carlos Quaresma, Alexandre Sarrazola, Inês M. da Silva
 PRODUÇÃO DE VIDROS E IMPORTAÇÃO DE *TERRA*
SIGILATTA EM FINAIS DO SÉCULO V / PRIMEIRA METADE
 DO SÉCULO VI: O CASO DA MARINHA BAIXA, AVEIRO 63

Alexandre Sarrazola, Mónica Ponce,
 Teresa Freitas, Marta Macedo
 A RAMPA DOS ESCALERES À REAL CORDOARIA,
 BELÉM / JUNQUEIRA (SÉCULO XVIII) 77

Ana Olaio, Pedro Angeja, Álvaro Pereira,
 Gonçalo Sá-Nogueira, André Texugo
 ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA E DIVULGAÇÃO DO
 PATRIMÓNIO EM SANTARÉM 83



EDITORIAL

Chegamos, com a presente edição, ao número dez dos volumes publicados da *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Dez números em oito anos, com algum abrandamento e irregularidade nos últimos tempos relativamente aos primeiros. Nestes dez volumes publicaram-se 94 artigos, nos quais foram autores 80 colaboradores, que em vários casos aqui realizaram as suas primeiras publicações.

O projecto inicial, conforme se declarava no editorial do número um da revista, visava a “publicação de pequenos textos informativos ou problematizantes cuja divulgação por outros meios não se justifica por si só ou poderá ser demorada.” Pretendia-se “contribuir para a rápida difusão, referenciável e citável, de informações, ideias, pequenos estudos ou análises, cuja disponibilização mais imediata seja importante para o desenrolar da investigação e da actividade arqueológica colectiva”, respondendo desta forma às crescentes dificuldades financeiras que se colocavam às edições em papel e à proliferação da actividade arqueológica no âmbito da Arqueologia de Salvamento.

A intenção inicial, porém, viria a ser progressivamente alterada pela realidade. A tradicional tendência para publicar pouco, que sempre caracterizou a Arqueologia portuguesa nos seus mais variados âmbitos, tem mais a ver com uma postura que com qualquer ausência de meios.

Como resultado, a revista acabou por enveredar pela publicação de alguns textos de maior fôlego (que fogem a um *Apontamento*) a par de outros que melhor respondiam às intenções originais e o seu ritmo de publicação adaptou-se à produtividade daqueles que se disponibilizaram a colaborar.

O resultado, contudo, tem sido positivo, e a julgar pelas citações que, no país e no estrangeiro, os textos da *Apontamentos* têm merecido, a iniciativa ganhou já o seu espaço no panorama editorial da Arqueologia portuguesa.

Justifica-se, pois, o esforço e, como desde o início, a revista continuará aberta a todos os que com ela queiram colaborar

António Carlos Valera



Figura 2 – Vista de Coelheira 2 a partir de Este, do sítio de Coelheira 3.

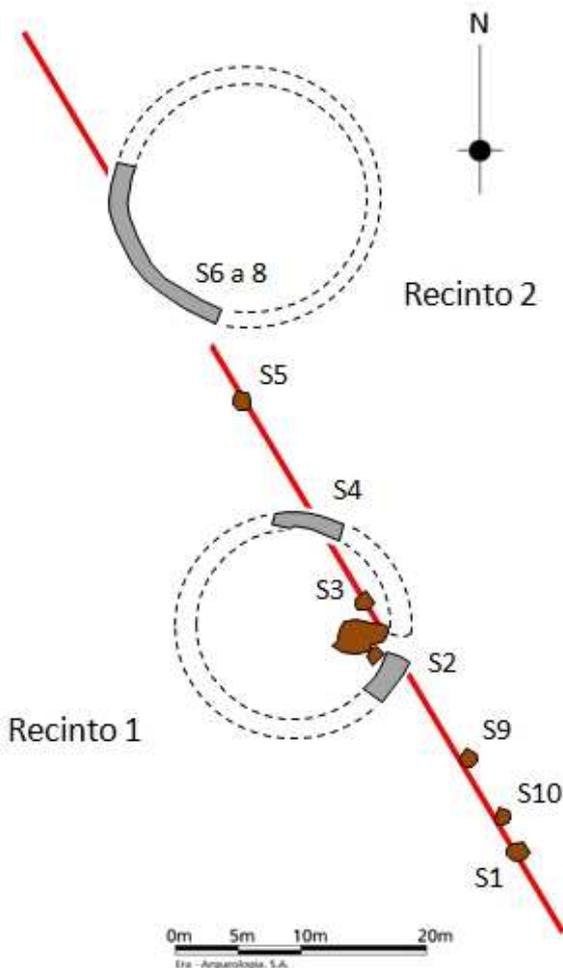


Figura 3 – Planta geral das sondagens e das estruturas identificadas em Coelheira 2. A linha vermelha corresponde ao traçado da vala para implantação da conduta de água.

Do ponto de vista geológico a zona apresenta rochas de idades várias, sendo possível identificar no local a presença de magras e rochas metamórficas, ígneas e carbonatadas.

O sítio foi intervencionado pela empresa Omniknos, sob direcção de campo de Rui Ramos e coordenação de projecto de Miguel Rodrigues, com assessoria do Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) da Era Arqueologia S.A., no âmbito da minimização de impactos do Circuito Hidráulico Cinco Reis - Trindade e Respectivo Bloco de Rega, empreendimento da EDIA E.P.. No total da intervenção foram escavados 58 m², divididos por 10 sondagens. As sondagens foram implantadas sobre as estruturas negativas identificadas durante o acompanhamento arqueológico, sendo posteriormente alargadas de acordo com as dimensões das ocorrências. As sondagens 4, 6 e 8 correspondem a secções de dois recintos, o Recinto 1 a sul e o recinto 2 a norte separados por 15 metros (Figura 3), enquanto as restantes correspondem a estruturas tipo fossa, um possível hipogeu e a duas cistas da Idade do Bronze.

2. O fosso do Recinto 1

O Recinto 1 foi identificado através de dois troços aparentemente de um mesmo fosso (Fosso 1), um localizado do lado Sudeste e outro a Norte (Figura 3).

O troço Sudeste, intervencionado numa extensão aproximadamente de 4m, apresentava paredes algo irregulares, convergentes para um fundo ligeiramente côncavo, formando uma secção em “U”. A largura no topo varia entre os 1,80m e os 2m e na base entre os 0,80m e os 1,30m. A profundidade média é de 0,60m. Apresentava-se preenchido por três depósitos. O depósito de base [2012] era composto por argila de coloração alaranjada, compacta e homogénea. Era coberto por um depósito de composição areno-argilosa e composição vermelha, pouco compacto e homogéneo [2008]. Por fim, o topo da estrutura negativa era colmatado por um depósito de composição areno-argilosa e coloração castanha escura e cinzenta, pouco compacto e heterogéneo [2011]. Sobre este depósito foi identificada uma camada bastante circunscrita de composição argilosa e cor cinzenta, bastante compacta, [2009], delimitada a Oeste por 6 blocos de gabro de pequena e média dimensão [2010]. Esta última realidade poderá corresponder a restos de uma lareira realizada sobre o fosso já colmatado. As UE [2009], [2010] e [2011] eram cobertas pelo depósito superficial de composição argilosa e coloração castanha, com inclusão abundante de bolsas de calço desagregado e material cerâmico, UE [2001].

A extremidade Sudeste deste troço continuava pelo corte, enquanto do lado oposto, Nordeste, o fosso revelava uma interrupção, apontando para a existência de uma entrada. Apesar de solicitado, não foi realizado um ligeiro alargamento da decapagem no sentido obter o registo integral da mesma (Figuras 4 e 5). Esta entrada apresentava-se orientada a 102° relativamente ao centro estimado deste recinto, o qual terá uma planta de tendência circular com um diâmetro aproximadamente de 15m.

É ainda de referir que na extremidade Sudeste este troço de fosso apresenta o que parece ser uma descontinuidade na sua escavação, observando-se um estreitamento das paredes do fosso que depois voltam a alargar. Esta situação sugere uma escavação do fosso por secções, como já foi observado em vários outros recintos de fossos (Valera, 2014), embora neste caso os depósitos de preenchimento revelem continuidade ao longo de todo o traçado escavado.



Figura 4 – Aspecto final da escavação do troço Sudeste do Fosso 1, sendo visível a interrupção correspondente à entrada.

Relativamente ao troço norte do Fosso 1, este apresenta paredes mais regulares, convergentes para uma base aplanada, com uma largura no topo variável entre os 0,70 e os 1,30m e uma largura na base variável entre os 0,70 e os 0,90m e uma profundidade média de 0,80m.

Apresentava-se colmatado por 3 depósitos. O primeiro enchimento é composto por um depósito de composição argilosa e coloração alaranjada, bastante compacto [4004], que em perfil apresenta uma pendente de cerca de 45 graus, quase desde o topo do fosso do lado interno até à base.

Este depósito era coberto por um outro de composição argilosa e coloração castanha, mediamente compacta e com inclusão de algum caliço [4002]. O topo da estrutura era colmatado por um depósito de composição argilosa e coloração amarela e cinzenta, compacto e com inclusão abundante de caliço [4001].

Sobre o depósito [4001] identificamos uma camada circunscrita ao limite Sudoeste da intervenção, desenvolvendo-se para fora da área escavada, de composição areno-argilosa e coloração cinzenta, mediamente compacta e homogénea [4005].



Figura 5 – Aspecto da escavação do troço Sudeste do Fosso 1. É visível o estreitamento do fosso em primeiro plano.



Figura 5 – Aspecto da escavação do troço Norte do Fosso 1. É visível a pendente do depósito de base.

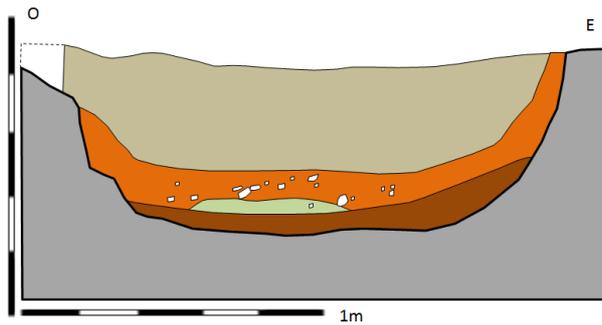
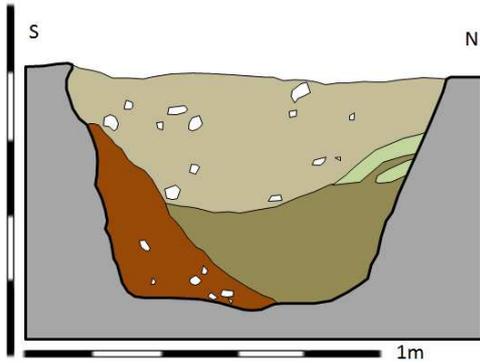


Figura 6 – Corte do Fosso 1. Em cima no troço Norte e em baixo no troço Sudeste.

3. O fosso do Recinto 2

Do Recinto 2 foi identificado e escavado um troço de fosso do quadrante Sudoeste com uma extensão de cerca de 14,5m. A sua curvatura sugere uma planta de tendência subcircular, que terá um diâmetro interno aproximadamente de 19m. Apresenta paredes regulares convergentes para uma base plana formando um perfil trapezoidal, com uma largura no topo variável entre os 1m e 1,35m e largura na base variável entre os 0,40m e 1,15m e uma profundidade variável entre 0,80m e 1m.



Figura 7 – Vista do fosso do Recinto 2 definido ao nível do topo dos seus enchimentos.

O seu enchimento revela uma estratigrafia bastante diferente da observada no fosso do Recinto 1. Era colmatado por 6 depósitos gerais. Na base apresentava o depósito [6006], composto por sedimentações lenticulares de argila de coloração escura intercaladas com areia de coloração amarela, sugerindo uma sedimentação natural por acção hídrica. Este depósito, pontualmente cortado junto à parede externa, era coberto por um aglomerado pétreo regular de gabros de pequena e média dimensão [6005] que abrangia toda a área intervencionada do fosso (Figura 8).

O aglomerado pétreo era coberto parcialmente por uma camada de argila escura [6007] encostada à parede externa e por um depósito mais espesso [6002] de composição areno-argilosa e coloração castanha-clara e que, do lado interno do fosso se prolongava até ao topo. Definia-se assim um interface verticalizado [6004], que continuava até ao topo com cerca de 50 centímetros de largura, onde era preenchido no topo por um aglomerado pétreo composto por gabros de pequena e média dimensão [6003] do lado interno e por um depósito argiloso de cor preta [6001] que encostava à parede externa (Figuras 9, 10 e 11).



Figura 8 – Aspecto do enchimento pétreo [6005], abrangendo praticamente toda a área escavada do fosso de forma relativamente homogénea.



Figura 9 – Aspecto do empedrado [6003], topo da [6002] pelo lado interior e espaço já escavado do depósito de argilas escuras [6007].



Figura 10 – Perfis do fosso do Recinto 2. Perfil B em cima; perfil A em baixo.

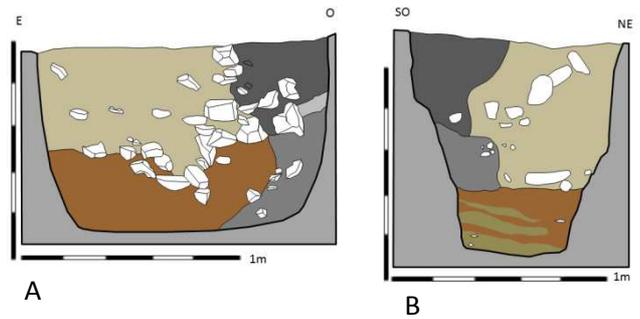


Figura 11 – Perfis A e B e sua localização no traçado do fosso do Recinto 2.

Esta sequência estratigráfica, genérica a todo o traçado intervencionado do fosso, parece apontar para dois momentos distintos de operacionalidade do fosso.

A fase mais antiga, consubstanciada na [6006], indicia um momento em que o fosso estaria aberto, permitindo a sedimentação natural de depósitos por acção hídrica, responsável pelo carácter lenticular dos mesmos.

Um segundo momento, em que a estratigrafia revela uma clara diferenciação verticalizada entre a metade interna e a metade externa, é indiciador da presença de uma paliçada. Calçados na base por um empedrado [6005] ou perfurando pontualmente o depósito natural subjacente (como sugere o perfil A), a sequência de postes seria encostada à parede externa do fosso e sustentada pelo interior por outro aglomerado pétreo [6003] e um espesso depósito argiloso [6002]. Posteriormente, numa fase em que a paliçada já estava desactivada, possivelmente por decomposição das madeiras, o espaço junto à parede externa foi ocupado por dois depósitos de cor escura, [6007] e [6001], enquanto em alguns pontos o aglomerado pétreo [6003] se deslocava um pouco, aproximando-se, mas nunca atingindo a parede externa.

O fosso teria assim tido a sua última utilização como infra-estrutura de uma paliçada, circunstância que também é consistente com o facto de praticamente não ter fornecido materiais, resumindo-se os mesmos a 8 fragmentos de bojos manuais e um grande fragmento de um recipiente esférico, ao contrário do fosso do Recinto 1, o qual forneceu bastante material cerâmico (ver ponto 7).

4. O hipogeu

Junto à entrada do Recinto 1 foi identificada uma realidade relativamente complexa.

Sobre a colmatção do fosso foi identificado um depósito circunscrito de composição argilosa e cor cinzenta, bastante compacto [2009], delimitado a Oeste por 6 blocos de gabro de pequena e média dimensão [2010]. Estas duas unidades poderão corresponder a restos de uma lareira. Era coberta por um depósito de composição argilosa e coloração castanha, com inclusão abundante de bolsas de caliço desagregado e material cerâmico [2001], que também cobria parcialmente o fosso preenchido, revelando a ocupação do local após a amortização deste recinto.

Este mesmo depósito [2001] cobria e parcialmente preenchia o topo de uma estrutura negativa, cuja arquitectura parece corresponder a um hipogeu, ainda que nela não tenham sido registados restos osteológicos humanos.

Este hipogeu localiza-se a aproximadamente 2 metros a Noroeste do troço de fosso, sensivelmente em frente à entrada do Recinto 1. Trata-se de uma estrutura negativa (adiante designada por câmara) com um interface circular com aproximadamente 2,30m de diâmetro no topo, 2,70m na base e 1,70m de profundidade, paredes irregulares, perfil tronco-cónico e fundo plano. Na parede Este desta estrutura, junto à base, foi identificado um nicho escavado no substrato, de planta ovalada e com cerca de 1,40m no seu eixo maior, com o fundo bastante irregular e com uma cota mais baixa em relação à base da câmara. Na parte diametralmente oposta a este nicho, parece perfilar-se um corredor ou uma entrada orientada a Oeste, cuja base se encontra em rampa e mais elevada aproximadamente 0,30m em relação à base da câmara. O facto deste possível acesso se encontrar afastado da área a ser directamente afectada pela implantação do projecto, levou a que não fosse integralmente escavado (decisão da tutela e do dono de obra).

A colmatção da base desta estrutura foi feita com uma camada de composição saibrosa e coloração cinzenta, bastante compacta e homogénea [2024] e que ocupava toda a área da câmara e o nicho. O plano bastante regular desta camada e o facto da sua superfície apresentar um aspecto alisado pode sugerir um piso de circulação. A entrada do nicho encontrava-se selada incipientemente por um conjunto de blocos de gabros de média dimensão [2025], alguns tombados para o seu interior e inclusos no depósito que o colmatava, composto por argila intercalada por bandas siltosas, pouco compacto e com abundância de material cerâmico [2026]. Quer a selagem, quer o depósito que colmatava o nicho desenvolviam-se sobre a UE [2024].

Na câmara, sobre o depósito [2024], registou-se uma camada argilosa de coloração castanho avermelhada, bastante compacta [2023], coberta por uma camada argilosa de coloração cinzenta, pouco compacta [2022]. Esta unidade era parcialmente coberta por um depósito bastante circunscrito identificado no possível corredor, de composição

saibrosa e coloração amarela e compacto [2028], sobre o qual se desenvolvia um nível pétreo pouco concentrado, composto por gabros de média dimensão e sem estruturação evidente [2027]. Esta unidade e a maior parte da [2022] eram cobertas por um depósito de composição areno-argilosa e coloração vermelha, pouco compacto e com a presença de muito material cerâmico [2021]. Este depósito era por sua vez coberto por um depósito circunscrito de composição saibrosa e coloração amarela, pouco compacto [2019], correspondente à desagregação do caliço e por um nível de blocos de gabros de média dimensão, que perfila um alinhamento bastante incipiente com orientação SE-NO [2020]. Por fim, o enchimento de topo desta estrutura era composto pela já referida unidade [2001].

Se a morfologia da estrutura sugere que estamos em presença de um hipogeu, a estratigrafia observada parece indicar uma situação de reutilização, não sendo possível determinar a distância temporal entre uma eventual primeira utilização funerária e esta reutilização.

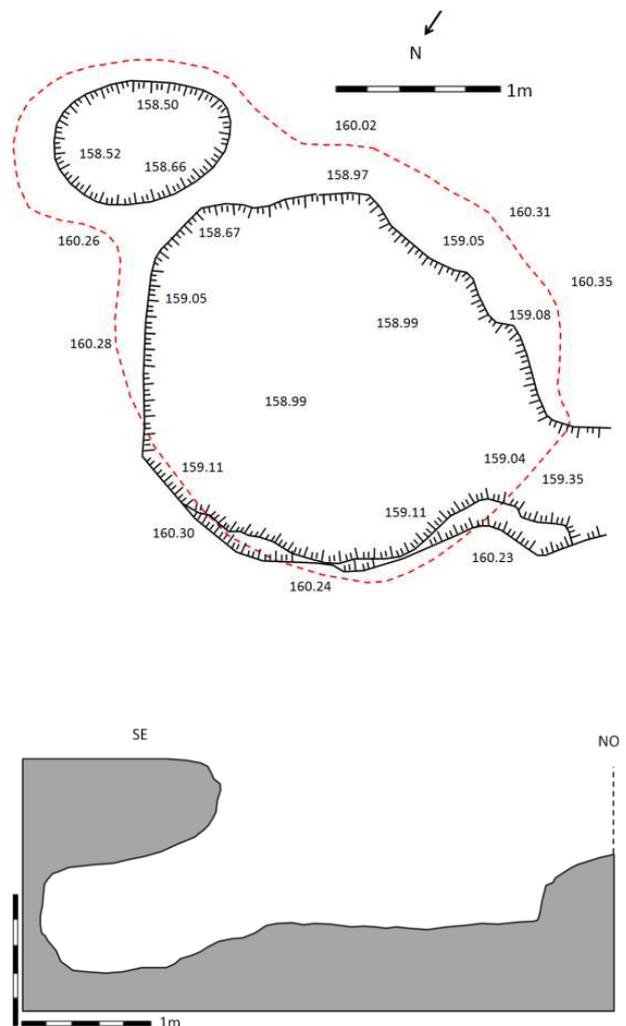


Figura 12 – Plano final e perfil longitudinal da estrutura tipo hipogeu.



Figura 13 – Vista final da escavação do hipogeu.

Por outro lado, o facto de o último depósito de enchimento desta estrutura [2001] cobrir igualmente parte de um troço de fosso (e uma possível lareira realizada no seu topo) poderá indicar que esta reutilização terá ocorrido já num momento em que o fosso estaria totalmente colmatado.

A posterioridade da reutilização do hipogeu relativamente ao Recinto 1 não nos esclarece sobre as relações temporais na fase de construção e eventual utilização funerária desta estrutura. Contudo, face à sua localização praticamente à entrada do recinto, dificilmente hipogeu e recinto poderiam ter funcionado simultaneamente.

5. As fossas

No traçado da vala de obra foram ainda intervenionadas cinco fossas.

Na Sondagem 1, localizada a cerca de 15m a sudeste do Recinto 1 (Figura 3), foi escavada uma fossa (Fossa 1) de planta sub-circular com 1,70m de diâmetro e 0,80m de profundidade, apresentando paredes regulares, fundo plano e um perfil troncocónico de boca estrangulada. A sua colmatação era composta por dois depósitos: no fundo um depósito de composição areno-argilosa de coloração castanha-clara, compacto e heterogéneo [1002], coberto por um depósito de topo de composição argilosa e coloração castanha escura, mediamente compacto e heterogéneo [1001]. Ambos os depósitos forneceram material cerâmico manual, no total de 20 bordos e 77 bojos.

Na Sondagem 3 foi escavada uma outra fossa (Fossa 2) de planta sub-circular, localizada no interior do Recinto 1, à direita da entrada. Apresentava 1,10m de diâmetro e 1,60m de profundidade, paredes regulares e secção rectangular com fundo ligeiramente côncavo. A colmatação era composta por uma sequência linear de quatro depósitos. Um depósito de base pouco espesso, de composição arenosa de coloração castanha, compacto e heterogéneo [3004], coberto por um depósito de composição argilosa e coloração escura, mediamente compacto e heterogéneo [UE 3003]. Este último era coberto por uma camada de composição arenosa e coloração amarela, pouco compacta e

heterogénea [UE 3002], coberta pelo depósito de topo de composição argilosa e coloração escura, mediamente compacto e homogéneo, UE [3001]. Forneceu 2 bordos e 60 bojos manuais concentrados nos dois depósitos mais superficiais.

Na Sondagem 5, localizada entre os dois recintos foi escavada uma fossa ovalada (Fossa 3). Revelou um diâmetro de 1,30m e 1,70m de profundidade, paredes regulares, um perfil ovalado, com ligeiro estrangulamento na boca. A colmatação era composta por uma sequência linear de 4 depósitos. Um depósito de fundo de composição argilosa e coloração castanha avermelhada, compacto e homogéneo [5004], coberto por um depósito argiloso de coloração castanha, pouco compacto e homogéneo [5003]. Este era coberto por um depósito de composição arenosa e coloração amarela, mediamente compacto e heterogéneo [5002]. O enchimento era completado por um depósito argiloso, castanho-escuro, compacto e homogéneo [5001]. Apenas o depósito de topo forneceu alguns fragmentos de cerâmica manual (8 bojos).

A Sondagem 9 localizava-se entre a Sondagem 1 e o Recinto 1, sensivelmente a 7,5m a sudeste deste último. Aí foi intervenionada uma fossa (Fossa 4) de planta circular com 1,05m de diâmetro e 0,35m de profundidade, paredes regulares e perfil troncocónico com fundo convexo. A colmatação era composta por um único depósito de composição argilosa e coloração castanha, pouco compacto e heterogéneo [9001]. Não forneceu materiais arqueológicos.

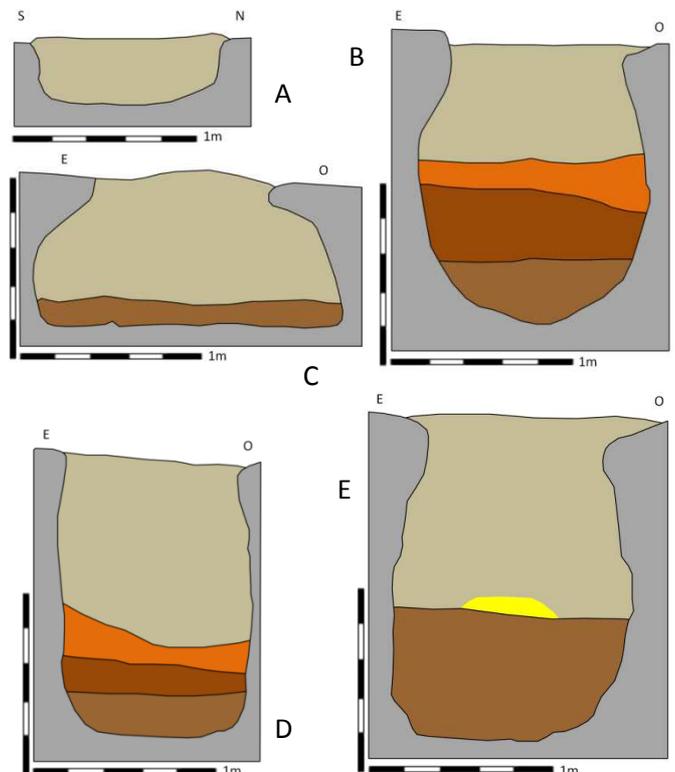


Figura 14 – Perfis estratigráficos das fossas: A- Fossa 4; B- Fossa 3; C- Fossa 1; D- Fossa 2; E- Fossa 5 (nível amarelo corresponde aos restos osteológicos humanos).



Figura 15 – Restos humanos na fossa 5.

Por último, na Sondagem 10 (localizada entre a Sondagem 1 e a 9), foi escavada uma fossa (Fossa 5) de planta sub-circular, com 1,40m de diâmetro e 1,80m de profundidade, paredes irregulares e perfil ovalado, fundo convexo e boca ligeiramente estrangulada. A colmatação era composta por um depósito de fundo de composição argilosa e coloração castanha, pouco compacto e heterogéneo [10002]. Sobre este depósito e no centro da estrutura negativa, registou-se um conjunto de ossos humanos [10003], essencialmente composto por diáfises de ossos longos, alguns dos quais poderão apresentar conexões anatómicas (relatório antropológico não está ainda disponível), sem espólio associado. Esta deposição era coberta pelo depósito de topo do enchimento, de composição argilosa e coloração castanha, pouco compacto e heterogéneo [10001]. No depósito [10002] foram registados 2 fragmentos de bojo de cerâmica manual.

6. As cistas da Idade do Bronze

Embora o presente texto incida particularmente sobre os contextos de cronologia calcolítica registados em Coelheira 2, cabe ainda referir a presença de dois enterramentos em cista da Idade do Bronze.

A Cista 1 foi escavada no substrato geológico e parcialmente sobre o troço sudeste do Fosso 1 (Recinto 1). Apresenta-se revestida com quatro lajes de xisto e tem uma orientação noroeste-sudeste (lado da cabeceira). No interior foi registado um indivíduo depositado em decúbito lateral esquerdo em posição flectida. Era acompanhado por dois recipientes: um pequeno vaso brunido de colo estrangulado com decoração em gomos sugeridos por decoração ligeiramente incisa e brunida; uma taça de carena baixa. A primeira localizava-se no canto da cista em frente à cabeça e a segunda junto às mãos.

Quanto à Cista 2, localizada a cerca de 1,5m para nordeste da Cista 1, estava escavada no depósito [2001] que cobria o hipogeu. Apresentava quatro lajes de revestimento e ainda duas da cobertura. Apresenta igualmente uma orientação noroeste-sudeste, mas a cabeceira está para nordeste. No interior estava depositado um indivíduo em decúbito lateral

direito e posição flectida, sendo acompanhado por uma taça tipo Odivelas localizada entre as mãos e crânio.

Estas duas cistas serão provavelmente parte integrante de uma necrópole da Idade do Bronze, correspondendo a uma das muitas que existem em torno a Santa Vitória. De acordo com o rendeiro da propriedade, várias sepulturas terão sido destruídas ao longo dos anos naquela área, facto que indicia a presença de uma extensa necrópole.

De momento não é possível determinar se existe alguma relação cronológica entre estas cistas da Idade do Bronze e as deposições de restos osteológicos humanos no interior da Fossa 5, localizada cerca de 20m para sudeste em relação às cistas. Os poucos bojos cerâmicos ali recolhidos não permitem inferências, pelo que a questão terá que ficar em aberto e só poderá ser esclarecida através da datação absoluta daquele conjunto osteológico.

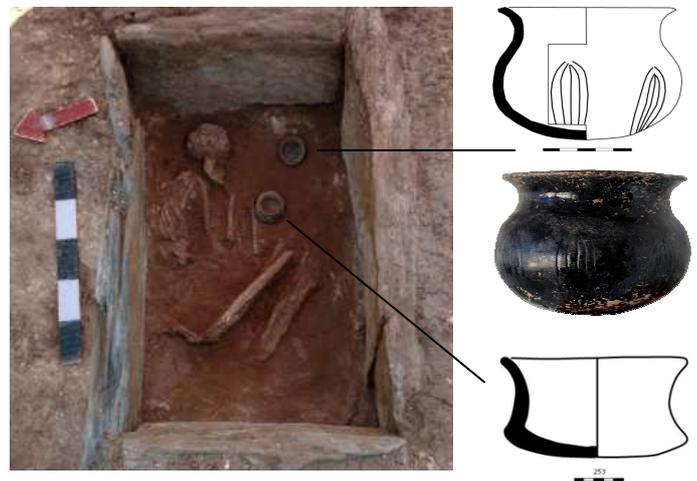


Figura 16 – Enterramento da Cista 1 e respectivo material votivo.

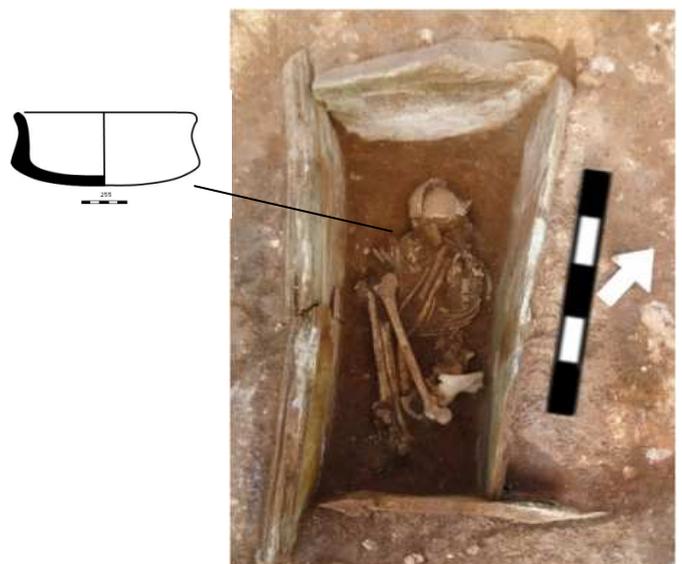


Figura 17 – Enterramento da Cista 2 e respectivo material votivo.

7. Os materiais dos fossos, fossas e hipogeu

Os materiais arqueológicos provenientes de fossos, fossas e hipogeu são quase que exclusivamente constituídos por fragmentos de recipientes cerâmicos, sendo a indústria lítica muito escassa (ver adiante) e estando ausentes pesos de tear, indústria óssea, metal ou evidências de metalurgia, elementos de adorno ou objectos relacionados com o sagrado.

No que respeita à cerâmica, foram contabilizados 322 bordos e 1170 fragmentos de bojo. A quase totalidade deste material é proveniente de apenas quatro contextos: o Fosso 1 (Recinto 1), a Fossa 1, o hipogeu e o depósito [2001] que o cobria.

Entre os bordos, 164 permitiram classificação morfológica. As formas presentes são dominadas pela presença de pratos de bordo simples ou com uma significativa variedade de bordos espessados (entre os quais o almendrado).

Seguem-se os recipientes fechados, de tendência globular com ou sem colo estrangulado, esféricos e recipientes tipo saco com colo troncocónico mais ou menos fechado. As taças e as tigelas são pouco representativas e um recipiente fechado, de carena alta e bordo ligeiramente exvertido é caso único. As taças carenadas estão totalmente ausentes. A distribuição das formas pelas principais estruturas que forneceram cerâmica é relativamente homogênea. Na globalidade, este conjunto cerâmico aponta para uma cronologia do Calcolítico Pleno.

Relativamente à indústria lítica, esta provém essencialmente do depósito [2001], onde se recolheram dois percutores de quartzo inteiros e fragmentos de outros dois, um fragmento de seixo de quartzito, duas lascas de quartzo e mais um fragmento. No hipogeu foram ainda recolhidos um fragmento de dormente e outro de movente de mó manual, três percutores e fragmentos de outros dois em rochas ígneas e um fragmento de seixo de quartzito. Não há registo de qualquer outro tipo de artefacto lítico.

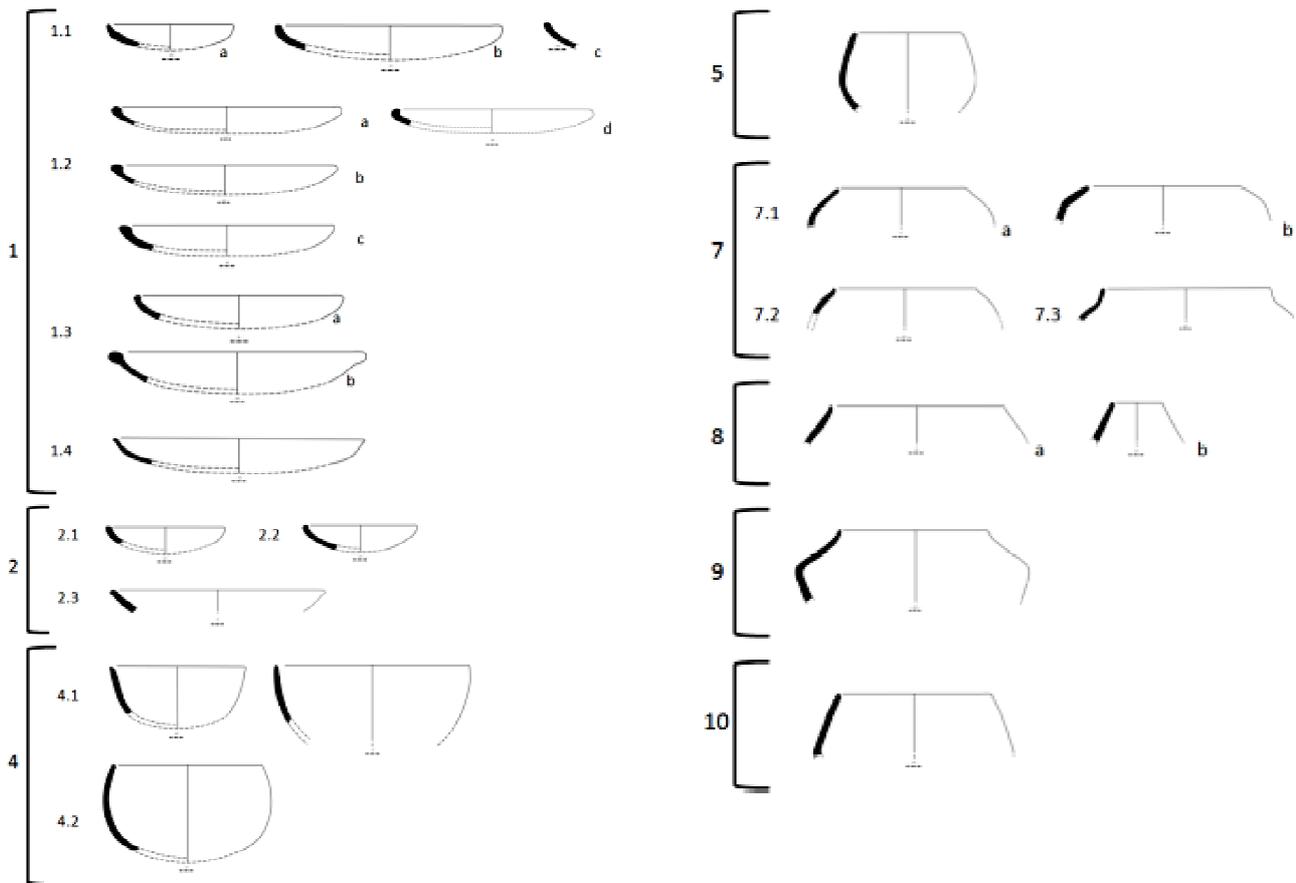


Figura 18 – Tabela tipológica das formas cerâmicas dos contextos calcolíticos de Coelheira 2.

Tipo	Fosso 1	Hipogeu	Fossa 1	[2001]	Total
1	2	2	1	3	93
1.1	17	7	1	5	
1.2	12	8		15	
1.3	4	3		2	
1.4	3	3	1	4	
2				1	10
2.1		2		1	
2.2		1			
2.3	2				
4					11
4.1	4	3		3	
4.2			1		
5	4	4	2		11
7					29
7.1	9	9	1	5	
7.2	1	1		1	
7.3	1			1	
8	4	2	1	1	8
9			1		1
10		1			1

Figura 19 – Distribuição das morfologias cerâmicas por contexto (números absolutos). Para além destes contextos, o Fosso 2 apresenta um recipiente tipo 5 e a Fossa 9 um recipiente tipo 7.2.

8. Discussão

Uma das particularidades mais interessantes de Coelheira 2 é apresentar dois pequenos recintos circulares lado a lado em vez de um integrar o outro de forma mais ou menos concêntrica, como acontece na maioria dos recintos múltiplos.

Esta circunstância já tinha sido sugerida noutra sítio, mas não de forma tão evidente como em Coelheira 2. De facto, no sítio vizinho de Murteira 6, localizado a apenas 4km a norte de Coelheira 2 (Figura 20), foram identificados troços de fossos muito semelhantes em tamanho que aparentam corresponder a diferentes recintos, que inclusivamente se cortam, apresentando uma cronologia, estabelecida a partir da componente cerâmica, igualmente integrável no Calcolítico (Porfírio *et al.*, 2012). A sobreposição de troços de fossos em Murteira 6 claramente demonstra a existência de diferentes momentos de construção de recintos na mesma área, sugerindo uma periodicidade de usos, abandonos e construções num mesmo sítio, que não utilizam infra-estruturas anteriores. Já em Horta Nova 4 (Alvito), a cerca de 50m de um recinto em escavação (e que poderá apresentar mais que um fosso) foi identificado em imagem aérea um outro mais pequeno e circular (Figura 21C).

A questão da contemporaneidade de usos é precisamente um dos problemas de Coelheira 2. Com base na informação existente, não é possível decidir se os dois recintos aqui identificados funcionaram de forma simultânea ou sucessiva, tanto mais que, se o Recinto 1 apresenta abundante cerâmica que claramente o coloca num Calcolítico Pleno, o Recinto 2 apenas forneceu alguns fragmentos cerâmicos, que tanto podem corresponder a uma ocupação do mesmo período ou mais antiga (Neolítico Final).



Figura 20 – Localização de Coelheira 2 (1), Murteira 6 (2) e Bela Vista 5 (3) na planície entre Santa Vitória e Beringel. Por trás de Murteira 6 é visível a elevação do Outeiro do Circo (imagem Google Earth).

Por outro lado, os dois recintos de Coelheira 2 apresentam diferenças entre si, tanto no que respeita às dimensões dos fossos (nomeadamente no que respeita a profundidades) como relativamente ao tipo de enchimentos, o que pode indiciar funcionalidades distintas ou simplesmente estádios distintos de um mesmo tipo de pluralidade funcional. A própria relação com as estruturas tipo fossa não pode ser estabelecida numa base de simultaneidade, ainda que aquelas que forneceram materiais classificáveis indiquem uma contemporaneidade em termos cronológico-culturais. A fossa com restos humanos só poderá ser cronologicamente referenciada depois dos mesmos dados por radiocarbono.

Na realidade, e com base em critérios de relação estratigráfica e de localização de estruturas, apenas podemos dizer que o enchimento final do hipogeu é feito quando o Fosso 1 já estava colmatado e que a sua localização, praticamente na entrada do Recinto 1, sugere que não terão tido um funcionamento simultâneo, embora os materiais cerâmicos sejam totalmente equiparáveis.

Assim, Coelheira 2 e Murteira 6 sugerem a existência, na extensa planície entre Santa Vitória e Beringel, de vários pequenos recintos (eventualmente agrupados em zonas específicas) durante o 3º milénio AC, entre os quais poderemos integrar o recinto cerimonial de Bela Vista 5 (Valera, 2014) (Figura 20). Associados a fossas e estruturas com uso funerário, estes recintos parecem revelar situações de construção e reconstrução periódica, indiciando ocupações de curta duração e intermitentes, próprias de projectos finitos e repetidos periodicamente.

É igualmente interessante sublinhar o progressivo aumento do número de pequenos recintos que aparentemente apresentam apenas um fosso de planta circular ou sub-circular. Para além dos dois agora registados em Coelheira 2, há a referir o já conhecido recinto do Torrão (Elvas), com cerca de 60m de diâmetro e atribuível ao Neolítico Final (Lago e Albergaria, 2001) e vários outros ainda inéditos: o recinto do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo), com cerca de 20m de diâmetro (Figura 21: A), o recinto de Borralhos (Serpa), cuja imagem satélite sugere a existência de um único fosso com cerca de 80m, podendo existir mais não totalmente perceptíveis na imagem (Figura 21: B), o recinto 2 de Horta Nova 4 (Alvito) com cerca de 25m (Figura 21: C), o recinto do sector 4 da S^a da Alegria (Coimbra), com um eixo maior de cerca de 8/10 m e atribuível ao Neolítico Médio (Figura 22: A), ou os recintos de Olhas 2 e Lavajos (Ferreira do Alentejo), ambos identificados em imagens satélite e com 38m e 50m de diâmetro respectivamente (Figura 22: B e C). Nos casos de Nobre 2 (Beja) e Folha do Ouro 1 (Serpa) existem recintos circulares semelhantes, mas as imagens revelam que existem vários fossos concêntricos (Valera e Pereira, 2013).

Estes pequenos recintos circulares e sub-circulares compostos por um único fosso lembram os *ring ditches* britânicos, também eles correspondentes a estruturas de pequenas dimensões definindo recintos de diâmetro variável, mas normalmente de reduzidas dimensões. Em Northamptonshire, por exemplo, a média é de 23m de diâmetro, concentrando-se 56% dos recintos entre os 20m e os 39m. Em 30% apresentam valores inferiores a 18m de diâmetro, podendo atingir apenas 6 ou 8m (como o recinto interior de Bela Vista 5) ou mais raramente chegar aos 100m (Deegan, 2008). Podem igualmente ser comparáveis, em dimensões, aos *roundels* do centro e leste europeus, ainda que estes sejam mais antigos. Se a maioria tende a apresentar fossos duplos ou triplos, associações a paliçadas, taludes e várias entradas, frequentemente 2 ou 4 alinhadas, também existem casos com apenas um fosso (Andersen, 1997; Varndell, Topping, 2002; Belinskiy, Fassbinder, Reinhold, 2011), estando em muitos articulados com contextos funerários (Spatzier *et al.* 2014).

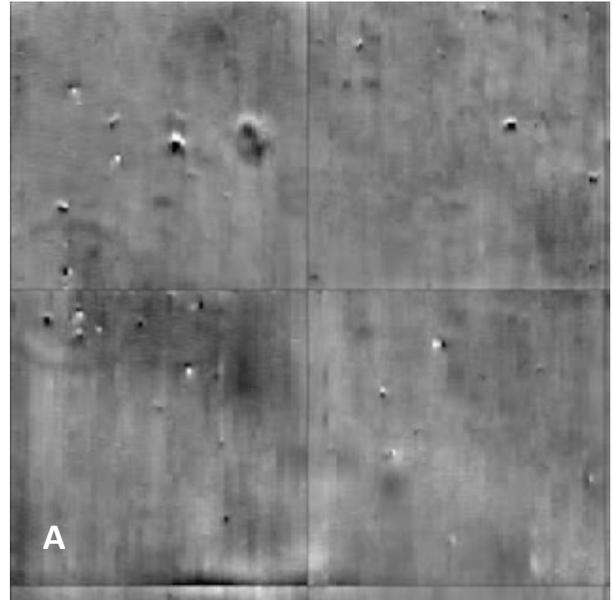


Figura 21 – A. Excerto do magnetograma de Carrascal 2 (autoria de Helmut Becker), B. imagem aérea de Borralhos, C. recinto 2 de Horta Nova 4, localizada a cerca de 50m a SE do recinto 1 no qual foi escavado um troço de fosso pela Era Arqueologia no âmbito da implementação da rede de rega de Alqueva.

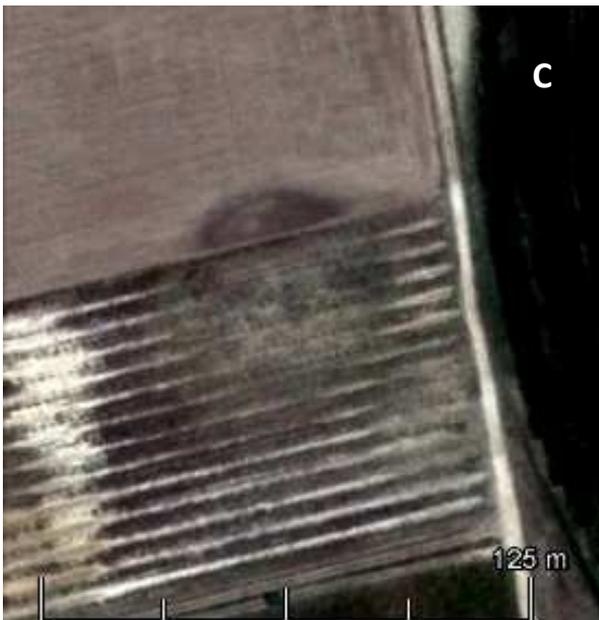


Figura 22 – A. Recinto do sector 4 da Senhora da Alegria; B. Olhas 2, vendo-se uma entrada a norte; C. Lavajos.

Por outro lado, o que Coelheira 2 revela, concretamente através do seu Recinto 2, é a importância que a arquitectura de madeira terá tido na região durante a Pré-História Recente. Embora se tenha várias vezes evocado a existência de paliçadas, estas nunca foram claramente identificadas, nem através de restos carbonizados de madeiras, nem através de buracos de poste e nem através de estratigrafias internas de pequenos fossos. Apenas no magnetograma do recinto de Moreiros 2 são perceptíveis alinhamentos de implantação de postes correspondentes a paliçadas em alguns dos recintos (Valera, Becker e Boaventura, 2013), evidência à qual se soma agora a proporcionada pela estratigrafia interna do Fosso 2. Outros contextos, porém, têm igualmente apontado para a existência de estruturas em madeira, como é o caso do círculo rodeado por hipogeu do Neolítico Final no Outeiro Alto 2, Serpa (Valera e Filipe, 2012) ou os alinhamentos de postes registados em Estácio 6 (Beja).

A arquitectura monumental com recurso a madeira estará ainda insuficientemente documentada na Pré-História do território português, mas os indícios já existentes começam a ser suficientes para que se comece a ponderar a sua efectiva importância, ultrapassando a imagem ilusoriamente hegemónica da construção em pedra. A importância das arquitecturas em madeira será tanto maior quanto maiores forem os condicionamentos de matéria-prima e se a raridade de pedra em muitas zonas de barros do Baixo Alentejo pode ajudar a explicar a inexistência de sepulcros megalíticos e a solução subterrânea em fossa ou hipogeu, pode igualmente ter incentivado o recurso à madeira na edificação de espaços monumentais. Infelizmente esta forte possibilidade não tem sido contemplada em muitas decisões tomadas no âmbito das minimizações de impactos, ficando muitas vezes por esclarecer a dúvida relativamente a possíveis alinhamentos de fossas.

Este é igualmente um problema que se coloca a muitos destes recintos que são cortados por empreendimentos lineares e onde a minimização apenas inside sobre a zona afectada, não se desenvolvendo qualquer trabalho no sentido de tentar perceber a planimetria dos sítios e o desenho dos fossos, ficando à felicidade de cada caso o ter uma imagem aérea que permita visualizar um pouco do que será o recinto (como acontece, por exemplo, com o recinto 1 de Horta Nova 4). Este não é o caso, contudo, dos recintos de Coelheira 2, para os quais existem ainda significativas lacunas de conhecimento.

De facto, falta ainda muita informação relativamente a estes pequenos recintos circulares para que os possamos compreender na sua real complexidade arquitectónica, funcionalidade, cronologia e relações espaciais estabelecidas no âmbito da construção de paisagens significantes. Os dados que foi possível recolher em Coelheira 2, contudo, vêm contribuir para uma melhor percepção da diversidade que caracteriza o fenómeno dos recintos de fossos na região e para começarmos a ter uma ideia do tipo de contextos poderemos encontrar nos pequenos recintos circulares que têm vindo a ser identificados com recurso às imagens aéreas.

Referências Bibliográficas

- ANDERSEN, N. H. (1997), *The Sarup Enclosures. The Funnel Beaker Culture of the Sarup site including two causewayed camps compared to the contemporary settlements in the area and other European enclosures*. Sarup: Jutland Archaeological Society Publications, 33.1., Moesgård.
- BELINSKIY, A., FASSBINDER, J.W.E., REINHOLD, S. (2011), "Caucasian ring ditches – the easternmost prehistoric roundels in Europe?", (M.G. Drahor, M.A. Berge eds.) *Archaeological prospection*, Izmir, International Society for Archaeological Prospection, p.106-107.
- DEEGAN, A. (2008), "Monuments and landscapes in the Neolithic and Bronze Age", (A. Deegan, G. Ford Eds.) *Mapping ancient landscapes in Northamptonshire, English Heritage*, p.45-77.
- LAGO, M. e ALBERGARIA, J. (2001), "O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano", *Era Arqueologia*, 4, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.39-62.
- PORFÍRIO, E.; BARBOSA, R.P.; VALINHO, A. e COSTA, M. (2012), "O sítio de Murteira 6 (Mombaja - Beja) no contexto do Calcolítico do Sul de Portugal", *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Almodôvar, Município de Almodôvar, p.549-559.
- SPATZIER, A., Stecher, M., ALT, K.W., Bertemes, F. (2014), "Gendered burials at an henge-like enclosure near Magdeburg, central Germany: a tale of revenge and ritual killing?", (A.C. Valera Ed.) *Recent Prehistoric enclosures and funerary practices in Europe*, Oxford, Bar International Series 2676, p111-128.
- VALERA, A.C. Ed. (2014), *Bela Vista 5. Um recinto do final do 3º milénio a.n.e. (Mombaja, Beja)*, Era Monográfica, 2, Lisboa, NIA-ERA, 2014.
- VALERA, A.C. e PEREIRO, T. do (2013), "Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática", *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, AAP, p.345-350.
- VARNDELL, G., TOPPING, P. Eds. (2002), *Enclosures in Neolithic Europe*, Oxbow.